

O MITO DAS AMAZONAS

Gerardo Andrés Godoy Fajardo

1. O mito

É sempre difícil descrever um mito; ele não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem nunca postar-se diante delas como um objeto imóvel.

Simone de Beauvoir

Depois de indagar autores como Roland Barthes, Mircea Eliade e Mielietinski, que estudam o mito, entendemos que as sociedades constroem suas práticas religiosas e cotidianas procurando estabelecer signos de transcendência. Isso porque o corpo é limitado, terrivelmente frágil e fatalmente perecível, mas a mente humana é surpreendente na sua capacidade de lutar frente às limitações impostas pela natureza. De fato, desde seus primeiros passos, o ser humano criou formas de ir além da experiência corporal e a imaginação foi seu combustível ao longo da sua história nas mais variadas culturas. A partir dessa perspectiva, a fatalidade da morte deixa de ser o fim e ganha diversas possibilidades de significação. Em outras palavras, mistifica-se a morte e transcende-se a existência; graças ao mito apazigua-se o fim e exalta-se a pessoa humana. Por isso, o mito é fonte de vida e diretriz para as incertezas da existência, mas também ajuda a ordenar as práticas cotidianas e da energia para desenvolvê-las. Nesse sentido, o mito acaba constituindo as mais variadas esferas da cultura, tanto do mundo cotidiano como dos simbolismos mais abstratos. Portanto, nas perspectivas dos autores acima, entendemos que mítico pode ser tanto uma figura religiosa—como a Virgem Maria— quanto um valor atribuído a um objeto além das suas objetividades práticas, —como é o caso do automóvel no mundo contemporâneo. No primeiro exemplo, a mãe do messias torna-se ícone de uma pureza casta enquanto o segundo num símbolo de status social. Em ambos os casos, o sujeito crítico pode desmitificar a carga simbólica do próprio mito e com isso estabelecer novas leituras do discurso no sentido de Foucault ou da ideologia num sentido marxista.

De forma paralela, a palavra *mito* é utilizada para descrever crenças religiosas de culturas periféricas, assim como de outras épocas históricas, mas não para discutir os paradigmas de religiões que ocupam um lugar de destaque em nossas sociedades, como é o catolicismo na América Latina, nem para se referir a valores homogêneos como acontece em grande medida com o automóvel. Dessa forma, para aquele que atua por fé —sem questionamentos de base— suas crenças nunca serão míticas, mas dos outros povos sim. De fato, entende-se, graças aos mais variados meios bibliográficos e de comunicação de massa, que a cosmovisão dos povos originários da América e o politeísmo greco-romano estão organizados desde perspectivas míticas e não

religiosas. Essa lógica é a mesma que diz que os *primeiros americanos* (como os chama Eduardo Galeano) falam dialetos ao invés de línguas.

Em contrapartida, já na segunda década do novo milênio e com o impulso crítico do que tem significado a pós-modernidade, entendemos que tanto as crenças religiosas quanto os mais variados ícones culturais carregam uma constituição mítica que pode ser analisada, discutida e até questionada, podendo assim ser até modificada graças à palavra crítica. Nesse sentido — e correndo todos os riscos —, entendemos que todo mito pode ou deve ser desmitificado, seja este um registro da história bíblica ou um ícone da contemporaneidade. Para tal assertiva, nosso exercício analítico parte de um distanciamento do objeto, assim como de um desprendimento semiótico que torna possível a reflexão crítica, pois, como Baudelaire na sua poesia, o crítico não pode ficar encantado pelo seu objeto, embora deva ser sensível diante dele. Em outras palavras, nem o poeta moderno nem o pesquisador cultural podem ficar hipnotizados pelo seu foco, pois assim ganham liberdade artística e autonomia conceitual.

2. Mulheres guerreiras

Nós dominamos os arcos, jogamos dardos e montamos a cavalo, e não aprendemos as tarefas próprias do sexo feminino.

Heródoto, Século V a.C.

O trecho acima reproduz a fala das mulheres guerreiras conhecidas como amazonas, que tiveram sua entrada no mundo ocidental pelas palavras de Heródoto, que é dado como *o pai da história*. Esse pensador grego, que fez diversas viagens testemunhando guerras e conhecendo culturas, descreve o primeiro encontro com essas mulheres que seriam belas e aguerridas, e que viviam nas margens do rio Termodonte, que percorre parte da atual Turquia e desagua no mar Negro. No livro *América mágica. Mitos y creencias en tiempos del descubrimiento del nuevo mundo*, de Magasich Beer, se diz que Heródoto descreve os sármatas como descendentes das amazonas. Por sua vez, os sármatas foram um povo nômade que existiu de fato, e que viveu percorrendo as estepes do rio Volga, desde as proximidades dos Montes Urais até as margens do mar Cáspio. Na atualidade, essa região euroasiática é composta pelos modernos países de Rússia, Turquemenistão e Irã. Segundo pesquisas levantadas por Magasich, é provável que os sármatas tivessem uma cultura de cunho matriarcal pelos vestígios arqueológicos achados.

Paralelamente, é possível que a palavra *amazonas* derive do povo iraniano *há-mazan* que significa *guerreiro*, mas também da etimologia grega do prefixo "a" (que significa privação) mais "mazos" (que significa seio), pois elas teriam a falta de um seio para poder manusear o arco com destreza (MAGASICH, 2001, p.133). Cabe destacar que, nesse primeiro momento, temos três fatores que serão centrais na configuração das amazonas: uma geografia distante da cultura do narrador, um ambiente aquático e uma desconstrução do feminino. Devemos lembrar que na época de Heródoto, para um grego ir até as fronteiras naturais da Ásia seria entrar no universo alheio e misterioso, talvez só

traduzível pelo relato mítico, que parece ser o mais acessível quando o ser humano tenta descrever o desconhecido e, como se afirma, transcender suas limitações ou ordenar suas lógicas socioculturais.

Na antiguidade grega, o mito das amazonas volta a entrar nas narrativas de Hipócrates, no século V a. C., que diz que essas mulheres utilizavam os homens por alguns dias para se procriarem, procurando sempre o nascimento de uma filha com o intuito de educá-la nas artes da guerra. De fato, a garota aprenderia o domínio do arco, do escudo e do dardo, assim como a ser destreza na montaria. Esse último domínio das amazonas, serve, até nossos dias, para nomear uma mulher que domina a montaria. Segundo Hipócrates, quando o filho das amazonas era um menino, ele era entregue para a cultura do pai.

Entretanto, as amazonas já espiavam o imaginário grego, pois elas estão na *Ilíada* de Homero (século VIII a. C.) como aliadas dos troianos. Em uma das batalhas cantadas no poema, Aquiles mata a Penteseleia, que era uma das líderes das mulheres guerreiras, causadora de muitas baixas do exército grego. Contudo, Aquiles fica apaixonado pela jovem devido a sua beleza, que foi revelada no momento em que retira sua armadura. Em outras narrativas mágicas e fundacionais, o semideus Hércules também tem um encontro bélico com as amazonas, pois devia, como uma das suas doze tarefas, apoderar-se do cinturão de Hipólita, tendo em vista que o apetrecho tinha poderes sobrenaturais e estava com uma rainha amazônica.

Por volta do século IV a. C., a figura de Alexandre III da Macedônia, também chamado de Alexandre o Grande ou Magno, é emblemática na extensão das fronteiras do mundo grego, que vão, no seu reinado, desde o norte da Grécia até o Egito e, em direção ao oriente, até a Índia. Cabe lembrar que o mundo antigo dos gregos é o berço do que vivemos hoje como ocidente e que, nesse momento de conquistas bélicas e de variados contatos, passa a construir uma imagem do oriente. Dessa forma, estrutura-se a ideia de um *outro* que adquire um caráter exótico e perigoso, que provoca uma dupla sensação de fascinação e curiosidade, mas também de desconfiança e de medo, de rejeição e de admiração. Essa lógica do estranhamento ajuda a construir, séculos depois, um discurso colonizador que vai percorrer a história de ocidente, pois é a base de uma estrutura cultural que teve dificuldade de lidar com o diferente. Relação espinhosa que aqui discutimos sob as perspectivas de Tzvetan Todorov (2003) e Ana Pizarro (1994).

No estudo de PseudoCalístenes *Vida y hazañas de Alejandro de Macedonia*, recopilado por Magasich, descreve-se o encontro de Alexandre o Grande com o reino das amazonas, que possui maçãs brilhantes como ouro e animais jamais vistos, elementos que caracterizam um espaço mágico que é ressaltado por um encontro epistolar com as mulheres guerreiras. Elas advertem ao guerreiro grego para que não se aventure no território delas, afirmando textualmente:

(...) somos duzentas setenta mil donzelas armadas. Entre nós não há nenhum só varão. Os homens moram no outro lado do rio. Anualmente celebramos uma festa coletiva e sacrificamos cavalos

para Zeus, Poseidon, Hefesto e Ares durante 30 dias. Todas aquelas de nós que desejam perder sua mocidade ficam com os homens. E todas as meninas que dão à luz, passam para nós quando cumprem sete anos. (...) De modo que nós lutamos pela própria glória. Se vencermos a nossos inimigos ou se estes fogem, fica neles uma marca de vergonha, mas, se eles vencem, terão ganhado só de umas mulheres (MAGASICH, 2001, p.137).

Não se sabe ao certo se houve batalhas ou algum encontro ou acordo entre as mulheres guerreiras e Alexandre o Grande, mas o relevante é que o mito se recria e vai ganhando consistência como uma possibilidade concreta e fantástica ao mesmo tempo. Passaram séculos para que o mito das amazonas voltasse a ganhar as narrativas ocidentais, pois a crença no mundo das mulheres guerreiras ficou excluída do âmbito da cultura cristã, haja vista que a bíblia não as menciona. Inclusive, durante a Idade Média, elas passam a fazer parte de um mundo maligno que, segundo Breidenbach, executavam seus filhos homens. (MAGASICH, 2001, p.139). Contudo, no final da Idade Média, o mundo do renascimento vai ser a chave para uma retomada da cosmovisão greco-latina no âmbito das ciências, das artes e da filosofia. Um dos centros de essarenovada forma de interpretar o mundo é Veneza, e um dos seus personagens mais ilustres é Marco Polo, que entre os anos de 1271 e 1295, seguindo seu pai e tio, percorre grande parte da Ásia, utilizando como referência a Rota da seda. Esse comerciante e aventureiro mostrou para ocidente um sem número de territórios, que somam uma viagem de pouco mais de vinte e quatro mil quilômetros. A partir dessa experiência, o viajante veneziano escreve um livro que passa a ser, durante longo tempo, a única referência para futuros exploradores que, com ele, buscarão riquezas e títulos. Entre as mais variadas descrições da fascinante viagem, Marco Polo fala sobre o reino de Resmacoron, que seria a última província da Índia em direção ao nordeste pelo mar, onde haveria uma ilha habitada exclusivamente por mulheres e outra por homens. Os homens visitavam a ilha das mulheres por alguns meses, mas elas não iam para a ilha dos homens. Nessa narrativa, as amazonas ficavam com os filhos até os quatorze anos quando eram devolvidos a seus pais. Para Migasich, é provável que essa releitura do mito, feita por Marco Polo, tenha algum referencial concreto, tendo em vista o sistema de filiação por linha materna é frequente no Extremo Oriente (MAGASICH, 2001, p.140).

Dois séculos depois, o navegante genovês Cristóvão Colombo, como o indicam os autores desse estudo (FUENTES, 2001; MAGASICH, 2001; ROJAS MIX 1994 e TODOROV, 2003), utilizou o livro de Marco Polo como guia geográfico e de inspiração metafísica. Visto que, ele procura as referências do veneziano e morreu acreditando ter atingido seu objetivo, que era chegar à Ásia pelas costas (GALEANO, 2000, p.15). Nas cartas que Colombo faz para os Reis da Espanha, dando contas da sua viagem, descreve a ilha de Martinino (talvez a atual Martinica), na qual assegura ser uma ilha só de mulheres. Entretanto, por problemas de navegação, não desembarca nela. Na sua descrição, Colombo repete as informações de Marco Polo sobre essa sociedade só de mulheres dando nova vida ao mito numa geografia ainda a ser conhecida pelos europeus. Cabe destacar aqui, que a América, até esse momento crucial, esteve completamente isolada, como Oceania, dos outros três continentes, que

de uma ou de outra forma, estiveram conectados por terra graças as mais variadas rotas do comércio, das religiões e da história bélica. Aqui, os povos originários, com os mais variados processos civilizatórios—distinguidos por Darcy Ribeiro—, desenvolveram suas próprias formas de organização social e cultural, distantes obviamente das existentes na Ásia, na África e na Europa. Assim, estabelecer cosmovisões alheias às primeiras culturas americanas é o primeiro exercício de interpretação e de colonização dos europeus no continente americano e nos outros que eles submetem aos seus desígnios. Portanto, o próprio mito das Amazonas é, até o presente momento da pesquisa, uma construção ibérica sobre a América e não uma narrativa ou crença originária dos primeiros americanos.

3. Navegantes ao abismo

O metafórico título *Febre do ouro, febre da prata*, do livro de Eduardo Galeano *As veias abertas da América Latina*, sintetiza o espírito dos navegantes e dos conquistadores do Novo Mundo. Logo, esses alucinados homens, que procuraram riquezas e um lugar nas cortes europeias, viveram um momento febril no qual a consciência renascentista ainda estava sob as névoas da Idade Média. Por isso, como distinguem Rojas Mix e Ana Pizarro, os monstros estão à espreita das suas vivências, mas, paralelo a esses medos, também existia a possibilidade de uma utopia capaz de construir um Éden terreno de vivenciar algo idílico, capaz de completar suas almas e seus cofres.

Sob o mesmo ponto de vista, Carlos Fuentes no seu ensaio *O espelho enterrado*, também distingue o delírio dos primeiros peninsulares nas Américas, processo histórico que entende como uma antessala para o posterior banquete barroco, que, no período colonial, torna-se a base de uma sociedade latino-americana exuberante e profundamente híbrida. Elástica desde nossa perspectiva, no sentido de permitir situações justapostas nas suas práticas políticas, administrativas, eróticas, religiosas e míticas, por isso o surgimento dos caudilhos, a corrupção endêmica, a miscigenação, o sincretismo e o fantástico feito realidade. Trata-se de uma identidade cultural que funciona como uma verdadeira faca de dois gumes, pois na medida em que se tenta superar, levando consigo um oceano de possibilidades, acaba muitas vezes engasgada em velhas dificuldades.

De volta às expedições, devemos lembrar que, na época de Colombo, a ciência tenta criar novos paradigmas para as interpretações eclesiásticas, que, por sua vez, estavam sob o signo da superstição, pois estamos falando de um contexto no qual se acreditava, entre muitas barbaridades, que havia bruxas e por isso muitas mulheres acabaram nas fogueiras da inquisição. Em outras palavras, para esses homens que se aventuravam nos mares sem fim e nas terras indômitas, personagens como Satã andavam soltos nos confins de um planeta que, para eles, tinha um tamanho sem limite. A aventura era similar ao desejo de riqueza e jogar a vida pelo fio da especulação geográfica fazia parte de uma experiência radical, pois se podia cair num oceano com forma de abismo ou ser, literalmente, engolidos pelos habitantes das terras americanas. O navegador genovês apostou como ninguém nas suas interpretações

geográficas e nos seus relatos é possível verificar o desejo pelo ouro do qual devia prestar contas. No entanto, como muitos que seguiriam suas linhas, morreu sem o merecido reconhecimento e bem-estar.

Os indígenas dos Andes Colombianos percebem esse motor de vida dos ibéricos e lhes contam a história do *El Dorado*, que se tratava de um reino todo feito de ouro no qual o próprio rei se cobria dopó desse cobiçado metal. Por meio das ferramentas da *filosofia da linguagem* (Bakhtin, 1999), entendemos que os indivíduos acreditam, defendem, vivem e morrem pelos valores estabelecidos pelos discursos culturais construídos historicamente e que tendem a ser dominantes. Nessa perspectiva, o desejo que mobilizou os aventureiros de outrora (e que ainda impulsiona a grande maioria em experiências febris por um bem-estar regado a *ouro*) é uma construção ideológica passível de questionamento seja na revisão histórica seja nas contingências do presente, pois percebemos que não há uma determinação histórica, mas possibilidades de intervenção histórica. Dentro dessa perspectiva, compreendemos que o mito é perigoso, pois ele ajuda a naturalizar determinados comportamentos humanos —muitas vezes nocivos— e prega por uma revisão daquilo que pode estar errado. Em outras palavras, quando o mito se naturaliza nas mentes humanas, graças às vozes do poder orientador, a cultura fica frágil, pois ela passa a depender de uma verdade tutelar. No caso do mito da riqueza fácil, ou até o mito da riqueza em si mesma como única solução para felicidade (que é outro mito) o ser humano fica numa corda bamba sem início nem fim, que pode dar sentido à vida, mas que também pode exiliar outras possibilidades para uma existência mais amena.

4. As guerreiras do grande rio

Desde as alturas dos Andes equatorianos, buscando o País da Canela (uma especiaria de valor na época) e procurando os tesouros de *El Dorado*, saiu, em 1541, uma expedição comandada por Gonzalo Pizarro (irmão mais novo de Francisco Pizarro, o grande conquistador do Peru) em direção às infinitas e selváticas terras do oriente. Nessa febril aventura, também estava no comando Francisco de Orellana, e havia um escritor e frade dominicano chamado Gaspar de Carvajal, que contará a travessia pelo rio mais caudaloso do mundo; um percorrido de 6400 quilômetros de navegação e outros tantos por trilhas selvagens. No relato, pela primeira e única vez na história do mito das mulheres guerreiras, conta-se uma batalha com elas na qual o cronista participa e acaba perdendo um olho.

Essa primeira e emblemática expedição é seguida, dezenove anos depois, por outra liderada, pelo também espanhol, Pedro de Urzúa que, no desenfreio dos fatos, será assassinado por Lope de Aguirre. O cineasta alemão Herzog, nos anos sessenta, conta, no seu genial estilo e com a licença poética que o cinema lhe permite, essa travessia sob o título *Aguirre, A cólera dos deuses*. Na descrição de Carvajal, a expedição de Orellana contava com 220 espanhóis, 4000 índios, 200 cavalos, algumas lhamas e porcos. No filme alemão, vemos uma caravana de gente e bichos descendo os abismos dos Andes, seguindo os caminhos indígenas e logo se entregando aos torrenciais

afluentes do rio Maranhão. Na narrativa do frade, os homens de Orellana constroem uma nau que os levaria rio abaixo numa vivência de fome e de desespero. No filme de Herzog, eles fazem um par de balsas de troncos amarrados, mas em ambos os casos percebemos a demência provocada pelo calor, pela fome, pelas chuvas constantes, por uma infinidade de mosquitos, pela selva impenetrável, mas, sobretudo, pela ânsia de riqueza. Delírio que fica evidente na genial atuação de Klaus Kinski.

Na crônica de Carvajal, Pizarro não embarca nessa aventura, pois só a construção da nau levou semanas de desgaste causando diversas mortes tanto de espanhóis quanto de índios aliados. Assim ele retorna a Quito e Orellana encara o rio na certeza que em algum momento chegaria ao Oceano Atlântico, mas, logicamente, nunca imaginou que houvesse tanta distância entre as nascentes andinas e a desembocadura desse rio que não parava de crescer. Nesse contexto, realiza uma travessia que no final terá poucos sobreviventes e nada de ouro, mas com um enorme território percorrido e a lenda das mulheres guerreiras revivida nas palavras do frade, fato este que dará o nome de um mito ocidental ao rio e a essa enorme região sul-americana: *Amazonas*.

Na travessia amazônica, a fome foi tanta que os homens de Orellana chegaram a tomar sopas com ervas fervidas com algum coro de roupa ou sapato, mas o pior foi sofrer os ataques de um exército de mulheres, que Carvajal descreve da seguinte forma:

Estas mulheres são muito brancas e altas e têm longos cabelos trançados e enrolados na cabeça, são musculosas e andam nuas em pelo, cobrindo sua vergonha com os arcos e as flechas nas mãos lutando como dez índios. Na verdade uma dessas mulheres meteu um palmo de flecha num dos barcos e outra um pouco menos, ficando nossos barcos parecendo porco-espinho. (CARVAJAL, 1992, p.79-81)

Durante o relato, sobressai a hostilidade dos povos ribeirinhos que atacam constantemente os espanhóis e que poucas vezes são amigáveis, quando é sabido que, nesses primeiros contatos entre europeus e povos americanos, há mais curiosidade do que agressão. Acreditamos que haja especulação no relato nesse aspecto para ressaltar o valor dos expedicionários e para satanizar os indígenas. Também, no recorte acima, percebe-se que a descrição das guerreiras é uma nova versão do texto de Marco Polo, que, neste caso, deturpa a realidade racial dos povos originários da região, que são morenos e baixos. Por outro lado, a valentia e bravura das mulheres reforçam a coragem e determinação dos castelhanos, como acontece em outras narrativas bélicas dessa época como, por exemplo, na *Araucana* de Alonso de Ercilla que, inspirado na *Ilíada* e na *Odisseia*, descreve, num poema épico de trezentas páginas, a guerra entre espanhóis e mapuches, no sul do Chile.

A cena emblemática do texto de Carvajal é quando o capitão fala com um indígena sem a necessidade de intérprete e com uma quantidade de informações de difícil credibilidade, considerando as dificuldades das línguas e da organização do pensamento, como se observa no seguinte parágrafo:

O capitão perguntou se as mulheres pariam; o índio respondeu que sim. O capitão perguntou, como não sendo casadas nem morando homem com elas podiam engravidar; o índio disse que essas índias se encontravam às vezes com índios. Quando tinham vontade se reuniam para guerra contra um grande chefe que reside e tem sua Terra próxima à dessas mulheres e os trazem à força para suas Terras ficando com eles o tempo que desejam. Depois de ficarem grávidas os enviam de volta sem lhes fazer mal. Mais tarde quando chega o tempo de parir se forem meninos, matam e enviam ao pai e se forem meninas as criam com muito orgulho e ensinam a arte da guerra. (CARVAJAL, 1992, p.87)

Como podemos observar, o lado malvado das mulheres guerreiras é reforçado por Carvajal, pois elas matam o filho homem e, novamente, cuidam de forma especial das meninas, educando-as na *arte da guerra*. Em outro momento da descrição do mundo das amazonas, fala-se de cidades com casas e templos de pedra, grandes obras de uma civilização isolada no meio da selva com muito luxo e metais preciosos. Nesse ponto, devemos ressaltar que, até o presente momento, não foram achadas cidades pré-colombianas na selva Amazônica, como foram localizadas nas florestas de Mesoamericana. Nesse ponto, entende-se que o delírio do cronista está sob a influência das imagens deixadas nas alturas andinas e na própria região mesoamericana, nas quais se desenvolveram culturas como a incaica e a asteca, que os espanhóis encontraram e dominaram. No trecho a seguir, essa descrição da selva amazônica misturada a elementos andinos é mais evidente:

Elas vestem de roupa de lã fina, provindas de ovelhas oriundas do Peru. Essa roupa é formada por mantas apertadas dos peitos para baixo, com o busto descoberto, tendo ainda um pano na frente por cordões. O cabelo é solto até o chão e tem coroas de ouro na cabeça da largura de dois dedos. Disse ainda que nessa Terra, segundo entendemos há camelos que as carregam, disse que há outros animais, mas não conseguimos entender, eles são do tamanho de cavalos com pelos enormes e pata fendida, ficam presos e são poucos. (CARVAJAL, 1992, p.87)

Pode-se distinguir com facilidade que a descrição do informante indígena é duvidosa na sua verossimilhança, pois os povos amazônicos tendem a nudez, não só pelo calor úmido e sufocante da região, mas também porque desconheciam a elaboração do tear e pelo fato de que, evidentemente, estão regidos por outros códigos de cultura corporal. Além disso, nessa região não há animais peludos, quanto menos ovelhas, que foram introduzidas pelos ibéricos em climas frios do continente. É provável que Carvajal pensasse em animais como as lhamas e que acabasse juntando as descrições para dar um efeito especial ao seu texto, que naquela época era um gênero que causava furor dentro dos poucos letrados da Europa. A partir dessa ótica, observamos que a crônica de Carvajal parece mais um relato fantástico do que uma descrição objetiva sobre a viagem. Analogicamente, a descrição física das guerreiras é como aquela escultura greco-romana da chamada coleção de Mattei, que apresenta uma amazona trajando um leve vestido e deixando um dos peitos à mostra enquanto curva um arco (MAGASICH, 2001, p.136). Em ambos os casos, as amazonas não têm um seio mutilado, o que poderia reduzir parte da

sua feminilidade, como acontece com outras descrições. Pelo contrario, as amazonas de Carvajal e da famosa escultura são belas e, ao mesmo tempo, aguerridas. Com essa descrição, entendemos o caráter bipolar do mito das amazonas, pois na medida em que trazem características que negam o estereótipo do feminino, simultaneamente reforçam um dos principais ícones da representação patriarcal sobre a mulher: a beleza.

De forma paralela, é provável que o mito das mulheres guerreiras tenha vigorado na enorme região sul-americana, a ponto de deixar seu nome como referência, por causa da própria vastidão do território. Realmente, a selva sempre foi uma trama para a imaginação; sua luz de verde intenso chama a um retorno do Éden e assim a um universo de fantasia e mito. Em sínteses, América, esse outro lugar que constitui o chamado Novo Mundo (em demérito dos povos originários), possibilita a reinvenção dos mitos fundacionais da cultura europeia.

5. Interpretação do mito das amazonas

Para interpretar um mito sobre mulheres no fio da pós-modernidade, devemos lembrar que, como nos ensina Simone de Beauvoir, *a mulher é um invento do homem*. Assim, as coisas são, no sentido de Foucault, porque alguém diz que elas existem e, por isso, deter a palavra é uma instância de poder. De fato, desde a antiguidade grega até os primeiros passos do século passado, a mulher não tinha voz para dizer seu mundo e, até os dias atuais, trava uma luta de múltiplas faces para estabelecer um espaço de significação num mundo dominado pelos signos do patriarcado. Vejamos uma reflexão da filósofa francesa sobre a temática:

Ela é o Outro que se deixa anexar sem deixar de ser o Outro. E, desse modo, ela é tão necessária à alegria do homem e a seu triunfo, que se pode dizer que, se ela não existisse, os homens a teriam inventado. Eles inventaram-na. Mas ela existe também sem essa invenção. Eis por que é, ao mesmo tempo, a encarnação do sonho masculino e seu malogro. Não há uma só representação da mulher que não engendre de imediato a imagem inversa: ela é Vida e Morte, a Natureza e o Artificio, o Dia e a Noite. Sob qualquer aspecto que a consideremos, encontramos sempre a mesma oscilação pelo fato de que o inessencial volta necessariamente ao essencial. (BEAUVOIR, 1991, p.230)

Há um par de décadas, a História das Civilizações ou da Humanidade chamava-se *História do Homem* e nessa acepção entendia-se por antonomásia *homem branco e europeu* e não de outras raças e latitudes. Na década dos anos cinquenta, quando o emblemático livro de Beauvoir se difunde em ocidente, vive-se o início de uma revolução interpretativa e de novas práticas socioculturais, pois tanto a mulher quanto outras minorias discursivas — como nós mesmos, os latino-americanos —, ganharam voz depois de uma exclusão sem precedentes na história humana. De fato, a partir das ideias e das práticas políticas dos anos sessenta parece haver uma mudança sem retorno nas perspectivas da interpretação cultural (BUARQUE, 1991). Dentro desse âmbito, entendemos que a criação dos mitos e seu impacto nas sociedades é

um fenômeno masculino, tendo a figura da mulher como coadjuvante do seu imaginário. Dentro dessa linhacítica , cabe a pergunta sobre as amazonas: porque inventar um mito de uma sociedade matriarcal e guerreira que despreza a presença masculina?

Voltando ao texto de Beauvoir, entendemos que as sociedades patriarcais (e talvez todas as sociedades existentes) tendem a ser dualistas e não plurissignificativas. Por medo ou desconfiança, buscam afirmar-se numa redução da realidade como se fosse uma moeda com duas faces e não um leque de possibilidades. Com efeito, a raça humana nunca foi nem será só masculino ou feminino, pois sempre houve pessoas que pulsaram para além da fronteira corporal beijando a mesma metade e não aquela que deveria completar sua outra parte perdida.

Dentro dessa visão dualista, os viajantesrecriaram o mito da sociedade de mulheres guerreiras como uma alegoria do impossível, pois falar emfêmeas armadas e autogovernadas, sem a presença masculina, parece, na perspectiva dos antigos gregos que lançaram o mito para ocidente, assim como para os primeiros espanhóis nas Américas que o reviveram,incrédulo ou, por outro lado, carnavalesco. Todavia, nos primeiros passos no novo milênio, pensar e verificar mulheres livres da tutela masculina é um fato concreto em grande parte das sociedades contemporâneas e nos mais variados cantos do planeta. De fato, nos países avançados de ocidente, as mulheres não só montam a cavalo e fazem arco e flecha por esporte, como também podem viver da sua própria renda, ingressar nas forças armadas e, principalmente, evitar a gravidez durante o tempo que estipulem pertinente, além de poderem fecundar sem a realização do ato sexual. Com isso, hoje as mulheres podem desmitificar dois mitos: as amazonas e a virgem Maria; as primeiras graças a sociedades avançadas que dispensam a força corporal para resolver tarefas de sobrevivência e, as segundas, por meio da ciência médica, que possibilita a gestação sem penetração. De igual modo, hoje as mulheres podem retirar um seio por problemas de saúde ou aumentá-lo por caprichos estéticos e com isso proteger a vida pessoal e buscar a autoestima social.

Diante desses fatos, entendemos que a ciência tende a diminuir ou até eliminar o mito, pois, desde a antiguidade grega, graças ao pensamento filosófico, se passa *do mito ao logos*. Trata-se de um exercício humano que se reforça no renascimento, se revoluciona no iluminismo e se consolida na era industrial. Frente a essas mudanças estruturais, o mito parece ficar à margem das sociedades pluralistas, cientificistas e tecnológicas. Entretanto, as culturas sempre são complexas, variadas e nunca homogêneas, principalmente nas sociedades pós-modernas que permitem todos os ritmos numa mesma orquestra. Por conseguinte, mesmo com todas as mudanças experimentadas no mundo judaico-cristão com relação ao avanço estrepitoso das ciências e da organização laica dos estados modernos, o fervor religioso, com toda sua carga mítica fundacional, parece intocado. Todavia, sem a credulidade do mundo medieval que permitiu, ainda em pleno renascimento, a reinvenção e visualização das amazonas, assim como a caça às bruxas.

No âmbito ibérico, essa justaposição dos processos históricos e suas representações culturais são emblemáticas, pois os embebidos espanhóis do século XVI nas Américas vinham da Espanha da contrarreforma, que se fechou num mundo medieval e com isso demorou séculos para receber e desenvolver as luzes das ciências e do progresso tão expressivo em outras fronteiras da Europa renascentista e moderna. Por essa trilha, funda-se a América Latina e por esse mesmo motivo ela vai ter um caráter mágico, que vai se alimentar e crescer como uma identidade híbrida graças à soma dos componentes indígenas e africanos. De forma paralela, a natureza vai ser o palco indômito para o enriquecimento mítico, assim como fora o Atlântico para os gregos, aqui serão as selvas, as montanhas e os desertos das Américas; um verdadeiro banquete para a alucinação e o misticismo religioso dos ibéricos. Talvez por isso mesmo as Amazonas foram vistas na imensidão do rio tropical e não nas margens do Mississipi, pois a paisagem é uma construção da cultura. Em outras palavras, embora a natureza exista de fato como um fenômeno geográfico, ela é redesenhada pela subjetividade do observador, tencionando para aspectos religiosos, poéticos, científicos, políticos, econômicos ou míticos, segundo cada caso e interesse.

Não obstante, não há como negar que a selva, com suas árvores gigantes, suas pratas de paraíso perdido e sua fauna sem fim, até hoje parece exercer uma atração mítica de perigo e fascinação. De fato, ainda há povos isolados de qualquer nação sul-americana, vivendo no seu próprio tempo cultural, sem influências alheias, desenvolvendo sua própria organização social e religiosa, que a antropologia moderna tenta entender sem alterar seu mundo, mas que o latifúndio e a mineração destroem a passos gigantes, como formigas carnívoras que devoram suas terras e cosmovisão. Esse quadro ainda parece o mesmo dos primeiros navegantes e conquistadores que, sem buscar conhecer o outro, passavam como avalanche impondo uma nova realidade, transformando com isso o mundo dos povos originários e seu entorno natural, hoje transfigurado numa triste savana.

Fora do contexto amazônico, o mito das jovens e belas mulheres guerreiras, aquelas com força sobre-humana e habilidades divinas para a guerra, seguem presentes no imaginário das multidões, pois as audiências recebem filmes, muitas vezes inspirados em quadrinhos, com essas deusas do combate. Trata-se de um produto cultural um tanto infantil e ingênuo, mas nem por isso menos ideológico e conservador, já que, como outrora, essa fantasia reforça a alegoria de uma mulher improvável, que num exercício catártico e sonhador, cria a expectativa de um mundo inatingível, mas redentor. Tem-se uma narrativa épica e doutrinal, como os livros que lera Dom Quixote e que lhe inspiraram a fazer as mais belas loucuras da literatura universal. Entendemos que com as Amazonas mediáticas, filhas de primeiro mito, busca-se suprir a limitação corporal e social das mulheres, mas não como um processo de inspiração revolucionária de transformação social, mas como um repouso seguro para uma provável transgressão feminina. De fato, quando vemos uma bela e jovem mulher lutando como um super-herói masculino ou governando impérios com grandes exércitos de homens, articula-se uma catarse onde o

impossível consegue um lugar de repouso na consciência masculina em todos seus domínios.

6. Referências

- AGUIRRE. *A cólera dos deuses*. Direção: Werner Herzog. Produção: Werner Herzog Film. Roteiro: Werner Herzog. Intérpretes: Klaus Kinski, Helena Rojo, Ruy Guerra. Alemanha/Peru: Werner Herzog Film, 1973. 1 DVD (93 min)
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Boungermino. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 8. ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 2 v.
- BUARQUE de HOLANDA, Heloisa. (Org.). *Pós- modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- CARVAJAL, Frei Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. Ed. Bilíngüe. Tradução de Adja Durão. São Paulo: Scritta; Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de España, 1992.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Tradução de São Paulo: ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de PolaCivilli. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. Perspectiva, 2010. (Coleção debates: 52)
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 2005.
- FUENTES, Carlos. *O espelho enterrado*. Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. 19. ed. Buenos Aires: Catálogos, 2000.
- MAGASICH, Jorge; BEER, Jean-Marc de. *América mágica. Mitos y creencias en tiempos del descubrimiento del nuevo mundo*. Santiago: LOM, 2001.
- MIELIETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- PIZARRO, Ana. *Amazonía. El río tiene voces*. Chile: FCE, 2009.
- _____. *De ostras y canibales. Reflexiones sobre la cultura americana*. Santiago: Editorial Universidad de Santiago, 1994. civilização. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização. Estudos de Antropologia da*
- ROJAS MIX, Miguel. *Los monstruos: ¿mitos de legitimación de la conquista?*In: PIZARRO, Ana. (Org.) *América Latina – palavra, literatura e cultura*. Volume 1. São Paulo: Memorial / UNICAMP, 1994-5, p.123-150.
- TODOROV, Tzvetan. *Descoberta*. In: *A Conquista da América*. Tradução Beatriz Perrone-Moises. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.1-70.